

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LIBRAS

DAYANA MOREIRA MENEZES USZACKI

O USO DO SIGNWRITING (SW) COMO FORMA DE REPRESENTAR,
DOCUMENTAR E PRESERVAR AS LÍNGUAS DE SINAIS CASEIRAS (LS-CAS)

RIO BRANCO

2024

DAYANA MOREIRA MENEZES USZACKI

O USO DO SIGNWRITING (SW) COMO FORMA DE REPRESENTAR,
DOCUMENTAR E PRESERVAR AS LÍNGUAS DE SINAIS CASEIRAS (LS-CAS)

Trabalho de Conclusão de apresentado a
Universidade Federal do Acre como requisito
parcial para a obtenção do título de Licenciado em
Letras-Libras.

Orientadora: Profa. Dr.^a Ivanete de Freitas
Cerqueira

RIO BRANCO

2024

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

U88u Uszacki, Dayana Moreira Menezes, 1985-

O uso do signwriting (SW) como forma de representar, documentar e preservar as línguas de sinais caseiras (LS-CAS) / Dayana Moreira Menezes Uszacki; Orientadora: Dr^a. Ivanete Freitas Cerqueira. -2024.

48 f.: il.; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Acre, Centro de Educação, Letras e Artes, Licenciatura em Letras Libras, Rio Branco, 2024.

Inclui referências bibliográficas.

1. Escrita. 2. SignWriting. 3. Língua de sinais caseira. I. Cerqueira, Ivanete Freitas (Orientador). II. Título.

CDD: 419

Bibliotecária: Nádia Batista Vieira CRB-11º/882

DAYANA MOREIRA MENEZES USZACKI

O USO DO SIGNWRITING (SW) COMO FORMA DE REPRESENTAR,
DOCUMENTAR E PRESERVAR AS LÍNGUAS DE SINAIS CASEIRAS (LS-CAS)

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em Letra Libras, no Curso de Licenciatura em Letras-
Libras, Universidade Federal do Acre.

Rio Branco, 18 de março de 2024.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Ivanete de Freitas Cerqueira
Orientadora

Profa. Ma. Cláudia de Souza Martins de Lima

Profa. Dra. Rosane Garcia Silva

RIO BRANCO

2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus, que me capacitou diariamente para chegar a este patamar da graduação, colocando pessoas amáveis para me ajudar e instruir nos momentos difíceis. Agradeço, Pai, até mesmo por me direcionar a olhar para o lago. Sim! Olhar para o lago, muitas vezes, foi o escape. Lá foi o cantinho da UFAC em que pude chorar, acalmar as crises de ansiedade, refletir e, principalmente, sentir a presença Deus ao meu lado. Ah! Se esse lago falasse...!

Agradeço imensamente a minha família que é alicerce e meu diamante aqui nesta terra, na pessoa dos meus pais (Fátima Menezes e Rui Menezes) que, mesmo sem grandes certificados, são Doutores em me ensinar a arte da vida. Agradeço em especial a minha filha, a pequena Maria Júlia, que mesmo sendo mais alta que a mamãe será eternamente um anjo que Deus me deu a oportunidade de educar. A meu irmão e irmãs, Ruslando, Romayda, Tânia e Yara, aos meus sobrinhos(as), tios(as), pelo amor, incentivo constante e compreensão da minha ausência, durante os momentos em família. Para não esquecer de citar nomes importantes, resumo meu total agradecimento às pessoas do meu elo familiar que possuem esses sobrenomes (Moreira, Menezes e Machado, Uszacki), foram pessoas que, de forma direta ou indireta, me deram força para continuar em meio às dificuldades nesta empreitada acadêmica.

Minha sincera gratidão a todas as pessoas da UFAC que contribuíram durante o percurso desta licenciatura, em especial ao Prof. Me. Israel Queiroz, por sua competência enquanto profissional, o qual me apresentou o registro gráfico de sinais, nas disciplinas de Escrita de Sinais. Agradeço aos professores Alexandre Souza, Israel Bissat, Cláudia Lima, Ianele Vital, João Renato, Karlene de Souza, Lucas Vargas, Vivian Louro do curso de Letras Libras. Sou grata, ainda, aos intérpretes, a meus amigos e amigas, colaboradores (RU e terceirizados), obrigada por me incentivarem, por acreditarem em mim e em minha capacidade de seguir adiante rumo à conclusão deste curso.

Agradeço imensamente à Prof.^a Dr.^a Ivanete Cerqueira, orientadora deste trabalho, que por muitas vezes me resgatou do meu próprio subconsciente que insistia em desistir. Professora, serei eternamente grata à senhora; tenha certeza de que são de profissionais iguais à senhora que o ensino público precisa. Agradeço também à prof.^a Dr.^a Rosane Garcia Silva, que nos orientou tão competentemente durante as

disciplinas de Trabalho de Conclusão de Curso I e II e a prof.^a Cláudia de Souza Martins de Lima que contribuiu de forma lustrada, fazendo com que pudéssemos chegar à conclusão da pesquisa aqui apresentada.

Muito obrigada!

"A natureza nunca se cala, nós é que ficamos convenientemente surdos".
Borges C. (Toca de Lobo)

RESUMO

Levando em consideração a correlação das Línguas de Sinais e o sistema de escrita *SignWriting* (SW), esta pesquisa busca propor a descrição e representação gráfica das Línguas de Sinais Caseiras (LS-Cas), através do sistema *SignWriting*. Sua base teórica está pautada em trabalhos relacionados ao sistema de escrita *SignWriting* (Barreto; Barreto, 2015; Leoni, 2018) e às LS-Cas (Cerqueira, 2021; Adriano, 2010). Trata-se de uma pesquisa aplicada, qualitativa, exploratória e de procedimento documental. Assim, a proposta deste estudo é descrever e registrar, graficamente, por meio do sistema *SignWriting*, LS-Cas, considerando desafios, métodos e implicações para o registro e preservação das LS-Cas. Com esse intuito, fez-se o levantamento de obras que tratam das Línguas de Sinais Caseiras, a fim de selecionar alguns itens lexicais apresentados como exemplos. Os sinais selecionados foram descritos e relacionados aos grafemas correspondentes no sistema *SignWriting*. Com isso, verificou-se que o SW se adéqua bem às características linguísticas das LS-Cas. Assim, espera-se ter contribuído para o desenvolvimento dos estudos linguísticos na área das línguas de sinais, especialmente em relação ao SW, e às LS-Cas.

Palavras-chave: Escrita. *SignWriting*. Língua de Sinais Caseira.

LISTAS DE SIGLAS

L1	Primeira Língua
SW	<i>Signwriting</i>
UFAC	Universidade Federal do Acre
LS-Cas	Línguas de Sinais Caseiras
LO	Línguas Orais.
ELS	Escrita das Línguas de Sinais
ASL	Línguas de Sinais Americanas
LS	Línguas de Sinais
L2	Segunda Língua.
CM	Configuração de Mão
L	Locação
M	Movimento
Or	Orientação de Mão
ENMs	Expressões não manuais
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1	Capa do livro de Bébian.....	18
Figura 2	Relacionando forma de mão e símbolo.....	19
Figura 3	Símbolo que registram os movimentos.....	19
Figura 4	Símbolos que identificam os locais de realização de sinais.....	20
Figura 5	Símbolos Expressão.....	20
Figura 6	Dance Writing (1972)	23

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1	Parâmetros de referência.....	26
Quadro 2	Grafemas de diferenciação do SW.....	27
Quadro 3	Descrição de parâmetros da LS-Cas e os grafemas do SW (FALA. FALA+; FALA++; FALA+++)	29
Quadro 4	Sinal MULHER - Relação parâmetros da LS-Cas e os grafemas do SW.....	33
Quadro 5	CM possíveis para o sinal MULHER.....	34
Quadro 6	Sinal HOMEM - Relação parâmetros da LS-Cas e os grafemas do SW.....	34
Quadro 7	Sinal MEDO - Relação parâmetros da LS-Cas e os grafemas do SW.....	35
Quadro 8	Sinal AMIGO - Relação parâmetros da LS-Cas e os grafemas do SW.....	35
Quadro 9	Sinal IGREJA - Relação parâmetros da LS-Cas e os grafemas do SW.....	36
Quadro 10	Sinal FRANGO - Relação parâmetros da LS-Cas e os grafemas do SW.....	36
Quadro 11	Sinal COMER - Relação parâmetros da LS-Cas e os grafemas do SW.....	37
Quadro 12	Sinal ARMÁRIO - Relação parâmetros da LS-Cas e os grafemas do SW.....	37
Quadro 13	Sinal UVA - Relação parâmetros da LS-Cas e os grafemas do SW.....	38
Quadro 14	Sinal TELEVISÃO - Relação parâmetros da LS-Cas e os grafemas do SW.....	38
Quadro 15	Sinal GATO - Relação parâmetros da LS-Cas e os grafemas do SW.....	39
Quadro 16	Sinal ONÇA - Relação parâmetros da LS-Cas e os grafemas do SW.....	39
Quadro 17	Sinal SAPO - Relação parâmetros da LS-Cas e os grafemas do SW.....	40
Quadro 18	Sinal BESOURO - Relação parâmetros da LS-Cas e os grafemas do SW.....	40

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	11
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
2.1	A ESCRITA.....	13
2.1.1	História do desenvolvimento da escrita de sinais.....	16
2.2	SISTEMA DE ESCRITA <i>SIGNWRITING</i> (SW).....	22
2.2.1	Sistema de aplicação SW às línguas de sinais	25
2.3	LÍNGUAS DE SINAIS CASEIRAS (LS-CAS)	27
2.3.1	Estrutura fonético-fonológica das LS-Cas	28
3	METODOLOGIA	31
4	APLICAÇÃO DO <i>SIGNWRITING</i> ÀS LS-CAS.....	33
5	RESULTADO E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	42
	REFERÊNCIAS.....	46

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao olhar para o desenvolvimento histórico social de diferentes comunidades no mundo, fica claro que a criação e evolução da língua vinculada a sua escrita se constitui para essas comunidades, objeto de formação no processo de construção social, uma vez que contribui significativamente para a estruturação e melhoria dos indivíduos, da sociedade e do desenvolvimento da cultura, efetivando, assim, a composição da identidade pessoal/social e dos aspectos culturais que norteiam a formação dos grupos sociais.

Ao ingressar no curso de graduação em Letras Libras, na Universidade Federal do Acre - UFAC, pude perceber logo no início que a língua e o sistema de escrita, juntos, se constituem nas diversas comunidades como um símbolo de referência no quadro estrutural da sociedade e um marco importante na eficácia e validade cognitiva do ser social, pois estes apresentam características que vão muito além da transmissão de conhecimento e comunicação, "... expressa sentimentos, vontades, ordens ou qualquer outro enunciado produtivo". (Adriano, 2010, p. 11)

Diante dessa compreensão ampla da formação dos grupos sociais, dando ênfase à importância da utilização da língua, agregada à escrita gráfica, o presente estudo justifica-se, porque reconhece o sistema de escrita *signwriting* como passível de ser aplicado a qualquer língua de sinais, inclusive, às Línguas de Sinais Caseiras, uma vez que Adriano (2010) e Cerqueira (2021) observam, em nível fonético-fonológico, o caráter linguístico desses sistemas.

Assim, observando um modo de fazer uso das tecnologias atuais e considerando os estudos da pesquisa na área das línguas/linguagens, indagou-se sobre a possibilidade de aplicação do sistema *SignWriting* como forma de registrar graficamente os sinais das LS-Cas, utilizados por surdos sem acesso à Libras, considerando os desafios, métodos e implicações para o registro e representação das LS-Cas. Essa língua que possui sua especificidade no modo gesto-visual e não difere das demais línguas, em sentido amplo, exprime além da comunicação, expressão de sensações e opiniões, o que se constituem ganhos significativos e desafiadores para a garantia da vida com qualidade, no meio familiar e nos demais ambientes sociais.

Para concretização dessa pesquisa, realizou-se um levantamento bibliográfico e documental, em obras que tratam das LS-Cas, a fim de selecionar sinais e analisar qualitativamente os itens lexicais identificados. Para relacionar os dados

observados ao sistema SW, selecionamos os sinais, identificamos os fonemas constitutivos e escolhemos os grafemas mais adequados à representação da escrita de cada sinal, de modo a destacar as características fonético-fonológico, compatíveis ao aplicar o SW. Por fim, comparou-se a estrutura das diferentes LS-Cas, no nível linguístico mencionado.

Logo, este trabalho de conclusão de curso encontra-se estruturado da seguinte forma: neste primeiro capítulo consta a Introdução, na qual o estudo é apresentado; posteriormente, tem-se o Referencial Teórico, capítulo em que se discute questões relativas à escrita das línguas orais e a origem da escrita de sinais. Em seguida, ainda no mesmo capítulo, explica-se sobre o fundamento e princípios do sistema de escrita SW, a partir dos trabalhos de Barreto e Barreto (2015) e Leoni (2018). Assim, para finalizar o capítulo, discorre-se sobre a LS-Cas e sua estrutura fonético-fonológica, a partir das autoras que sustentam a importância desses sistemas linguísticos serem estudados (Cerqueira, 2021; Adriano, 2010). No capítulo 3, na Metodologia, apresenta-se a classificação da pesquisa e os procedimentos utilizados para coleta de dados e registro escrito dos sinais. Já no capítulo quatro, materializou-se a aplicação do SW às LS-Cas. Por fim, no último capítulo, são apresentadas as Considerações Finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, trataremos da escrita enquanto objeto complementar na formação cognitiva dos seres humanos e ação promotora de mudanças nas diferentes comunidades; mencionando, assim, os benefícios linguísticos (fonético-fonológico e lexical) que essa modalidade proporciona a seus utentes desde séculos passados até os dias atuais. Logo em seguida, contextualizar-se-á os marcos históricos, filosóficos e políticos considerados importantes para o desenvolvimento gráfico dos sinais aqui no Brasil.

2.1 A ESCRITA

Segundo Cagliari (1997), escrita sempre implica leitura, ou seja, decifração dos símbolos gráficos e, conseqüente, transformação destes em fala oral. Alguns tipos de escrita têm como meta a expressão, tradução dos símbolos em enunciados orais-auditivos; outros, porém, visam apenas à transmissão de ideias – significados específicos –, por aqueles que conhecem o sistema. Neste último caso, quando não há níveis gramaticais ou eles não têm uma ordem específica, todo o trabalho de decodificação fica por conta do próprio leitor. Este é o caso quando se precisa decifrar placas de trânsito, por exemplo.

Uma placa com um triângulo tem palavra-chave atribuída convencionalmente à sua interpretação: preferencial. Porém, essa placa pode ser lida de outras maneiras, todas elas exprimindo exatamente o que a placa significa: “Você está entrando numa estrada (rua) cujo tráfego tem prioridade de movimento sobre você”; “Cuidado com o próximo movimento de seu veículo, por causa do fluxo de tráfego da estrada (rua) para onde você está dirigindo”; ou simplesmente “Deixe os veículos da estrada à sua frente passarem primeiro”; “Estrada mais importante à sua frente” etc (Cagliari, 1997, p. 103).

Nesse exemplo de Cagliari, é interessante notar que a escrita da placa não está relacionada a nenhuma língua, mas apenas ao sentido da mensagem nela expressa. É por isso que esse sistema pode ser usado em diferentes países sem perda da compreensão.

No entanto, de acordo com o autor, faz-se necessário esclarecer que um desenho não é nenhum tipo de escrita, pois esta visa dar suporte àquele que lê. Assim, embora o termo “ler/leitura” possa adquirir diferentes acepções – tais como: “ler as

peessoas”, “ler a natureza”, “leitura do mundo” –, no tocante à escrita, trata-se de um ato linguístico, pois não se trata de apreender significados isolados a partir de símbolos, mas de decodificar, no sentido de traduzir, os diversos elementos com base nas dimensões cultural, social, histórica, de quem escreveu. Ler é, dessa forma, uma atitude condicionada pela escrita. Assim, o autor explica:

Quando se faz o desenho de uma casa para representar o objeto casa, não se produz uma escrita. Mas, ao desenhar uma casa para que diga casa, então está se escrevendo a palavra *casa*. Aí está claramente exemplificada a diferença entre desenhar e escrever (Cagliari, 1997, p. 105).

Apesar disso, muitos sistemas de escrita evoluíram, em termos históricos, a partir de desenhos, sendo que seu surgimento se deu no momento em que se fazia necessário representar a fala pictoricamente, a fim de levar informação ao leitor.

A história da escrita caracteriza-se a partir de três fases: pictórica, ideográfica e alfabética. A primeira consiste em uma escrita que se realiza através de desenhos ou pictogramas, ou seja, trata-se de “representações bem simplificadas dos objetos da realidade” (Cagliari, 1997, p. 106). A ideográfica também se realiza através de desenhos, mas estes são denominados “ideogramas”. Eles, à medida que foram evoluindo, foram perdendo características típicas das figuras que representavam e, por isso, acabaram se tornando simples convenção. Já a fase alfabética se manifesta por meio da utilização de letras – antigos ideogramas que, em seu percurso histórico, tiveram subtraído seu valor ideográfico e passaram a assumir na escrita uma função estritamente fonográfica. Vale dizer que “a escrita alfabética é a que apresenta um inventário menor de símbolos e permite a maior possibilidade combinatória de caracteres na escrita” (Cagliari, 1997, p. 109). Assim, por representar os sons da fala, a escrita alfabética é também o sistema mais detalhado em termos fonético-fonológico.

Desse modo, percebe-se que há duas formas de escrita: uma ideográfica, baseada no significado e outra fonográfica, baseada no significante. No primeiro caso, os sentidos apreendidos são abrangentes, já no segundo, a apreensão de significado depende dos elementos linguísticos, em nível fonético-fonológico.

No entanto, independentemente do sistema, a escrita “sempre foi a melhor maneira de representar a memória coletiva religiosa, mágica, científica, política, artística e cultural” (Cagliari, 1997, p. 112). Ela é, pois, uma das formas fundamentais

para a comunicação e expressão de ideias na sociedade humana. Esse é um modo de interação que tem sua necessidade e importância desde primórdios das civilizações. Certamente, na evolução histórica das sociedades, os saberes da antiguidade dificilmente seriam preservados e reconhecidos nos dias atuais se não fosse pelo registro e documentação por meio da escrita. Sem dúvida, o sistema de escrita proporciona uma efetiva participação dos indivíduos nos diversos contextos sociais, como assinala Oliveira (2004):

Tradicionalmente, pensava-se que a língua escrita era meramente um código que materializava a fala. Seguindo essa orientação, a leitura seria a decodificação desse código e a escrita, a reprodução do código. Enxergar somente isso é fechar os olhos às funções que a leitura e a escrita exercem num contexto social onde tais manifestações são imprescindíveis para a participação efetiva do indivíduo nesse contexto. Isso porque se passou a observar que a língua exercia mais funções do que se imaginava, e que as habilidades de ler e escrever eram de grande valia para o cumprimento de funções sociais (Oliveira, 2004, p. 6)

Por meio de manuscritos antigos e do uso generalizado da escrita digital nessa era contemporânea, a materialização da ortografia foi e ainda é essencial para documentar a história, a cultura, as tecnologias e o progresso humano ao longo do tempo, nesse crescimento estão inseridas as habilidades do letramento da sociedade (compreender, interpretar, produzir textos), que proporciona assim o registro das nossas experiências familiares e sociais, como afirma Garcez (2002, *apud* Oliveira, 2004 p. 6): “a escrita é uma construção social, coletiva, tanto na história humana como na história de cada indivíduo”.

A escrita, em sua forma essencial, permite que as sociedades se comuniquem entre si, transmitam informações, expressem pensamentos e compartilhem conhecimentos, utilizando-se desde pequenas anotações a documentos complexos que percorrem gerações, independentemente do tempo e do espaço.

Assim, segundo Gnerre (1991), a escrita, enquanto sistema gráfico, é um meio de transmitir mensagens em situações em que os interlocutores se encontram espacial ou temporalmente afastados, e por isso o meio mais eficaz é o visual, já que, sendo difundida através da mão e dos olhos, permite a comunicação tardia. Nesse sentido, Haugen (2001 *apud* Mühlen; Kersch, 2021) explica que, dada a importância do registro escrito nas consideradas sociedades complexas e letradas, a modalidade escrita de línguas minorizadas se torna imprescindível, pois as sociedades que não

desenvolveram a escrita contraem um prejuízo em relação às outras culturas, pois deixam de usufruir, em grande parte, dos progressos gerados pela humanidade.

De fato, a fala tem menos prestígio que a escrita, porque as sociedades tradicionais evoluíram através de escrito. Por isso, tornaram-se grafocêntricas. Por isso, há uma necessidade de também os povos ágrafos desenvolverem a escrita, para que possam trocar informações com outras culturas. Nessa perspectiva, a cultura escrita vem, atualmente aqui no Brasil, se impondo de tal maneira que se criou uma meta para que todos os cidadãos tenham acesso à escrita do português, inclusive surdos e indígenas, ainda que boa parte dos membros desses povos não saibam das possibilidades de usos sociais cotidianos da escrita. (Mühlen; Kersch, 2021)

2.1.1 História do desenvolvimento da escrita de sinais

Ao compreender que as escritas das línguas orais (LO) proporcionam ao ser humano um aparato de conhecimentos que circulam na sociedade há gerações, mantendo a aprendizagem ou transformando-a conforme as necessidades dos seres e das épocas, se observa que não diferente destas línguas já grafadas, as Línguas de Sinais também vêm demonstrando o quanto é importante ser descrita e representada por meio gráfico. Isso se torna grandioso, pois, mesmo as línguas sinalizadas tendo seu reconhecimento nas diferentes sociedades, por um período longo, ela permaneceu ágrafa, ou seja, sem representação escrita.

No século XVII, os surdos que faziam uso do modo gesto-visual, vivenciavam os preconceitos linguísticos nas diferentes áreas dos saberes, pois as Línguas de Sinais eram consideradas apenas um aglomerado de gestos que não proporcionava conhecimento algum. Já no século XVIII, conduzidos pelos estudos do francês Charles Michel de l'Épée, as produções acadêmicas e a criação da primeira escola para surdos (Instituto Nacional dos Jovens Surdos de Paris-INJS), localizada em Paris, fomentaram o aprendizado de muitos surdos, tanto no uso da LS, quanto na tentativa de uma escrita, o que impulsionou a criação de outros institutos e escolas voltadas para surdos em diferentes países. (Ströbel, 2009)

No Brasil, os estudos de Silva (2006, p. 24) apontam que a escola de Paris, “tinha como eixo orientador a formação profissional, cujo resultado era traduzido na formação de professores surdos para as comunidades surdas [...]”, sendo que essa formação, reverberou aqui no país ao influenciar na criação da primeira Escola de

Surdos do Brasil. Somando a isso, Carlos Roberto de Oliveira Lima (2023), em sua pesquisa sobre a história do surdo no Brasil, afirma que:

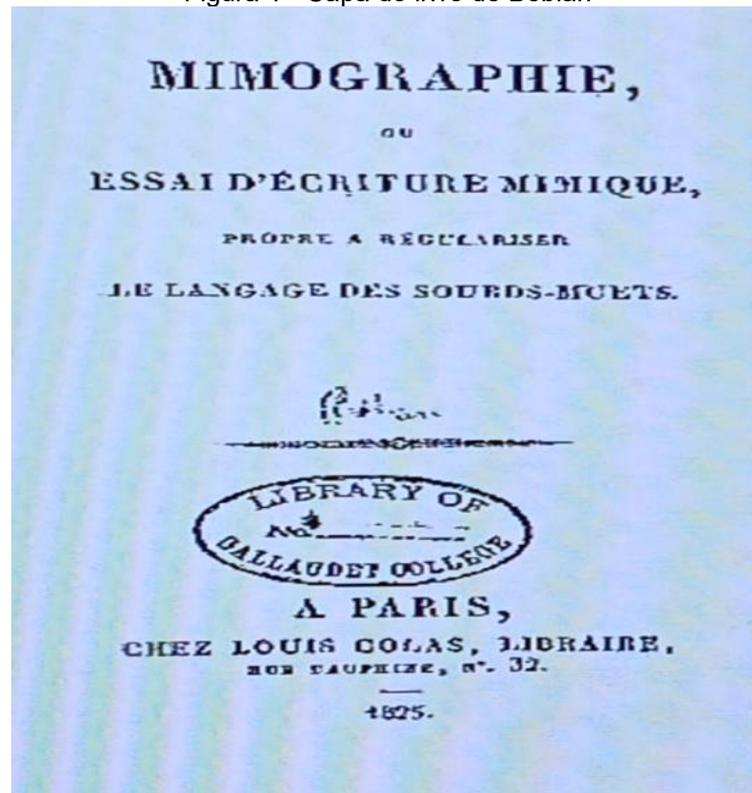
D. Pedro II havia comprovado de perto os milagres que o modelo francês de educação de cegos havia conseguido com Azevedo, convergentemente a isso, agrega-se valor ao prestígio que os modelos educacionais franceses apresentavam no período em questão, além dos pensamentos iluministas que apregoavam liberdade e igualdade entre as pessoas (Lima, 2023, p. 16).

O imperador Dom Pedro II, ao ter conhecimento sobre essa formação profissional de alunos surdos e por considerar que os modelos educacionais franceses apresentavam grande relevância, convidou então o discípulo surdo do abade L'Épée, Eduardo Huet, o qual fundou, em 1856, o Imperial Instituto de Surdos-Mudos, que se tornou, em 1857, a primeira Escola de Educação de Surdos no Brasil, localizada na cidade do Rio de Janeiro-RJ.

Eduardo Huet, por ter feito sua formação no Instituto Francês e absorvido a metodologia ensinada pelo Abade Charles-Michel L'Épée, utilizou os mesmos métodos na educação de surdos do Imperial Instituto de Surdos-Mudos, de modo que a Língua de Sinais Francesa-LSF influenciou sobremaneira na constituição da Língua de Sinais Brasileira, como lembrou Wanderley (2017, p. 61): “Os primeiros alunos surdos de L'Épée se tornaram posteriormente os professores da escola, entre eles, o professor surdo Eduardo Huet, que a convite de D. Pedro II, veio para o Brasil para ensinar a língua de sinais francesa para surdos, no Rio de Janeiro.

Em relatos históricos do século XVII, se afirma também que a primeira tentativa de escrever a Língua de Sinais foi na França, pelo professor francês, Roch-Ambroise Auguste Bébien, que apesar de ser ouvinte teve a oportunidade de interagir com alunos surdos e passou a se interessar por representar, através de “desenhos”, a Língua Gestual Francesa. Tal empenho possibilitou a publicação de um livro denominado “Mimographie” (1825), no qual identificou e descreveu componentes realizados no espaço visual, que permitiam documentar tal língua.

Figura 1 - Capa do livro de Bébian



Fonte: Bébian (1.825, p. 1; p. 4)

Por acreditar na incompatibilidade do ensino sem um registro efetivo da escrita, Bébian em seu livro *Mimographie*, registrou vários sinais que se compunham em 4 ações diferentes, o que culminou em uma das primeiras tentativas de tornar as Línguas de Sinais escrita. Em seus estudos, ele defende que a escrita das Línguas de Sinais, no aspecto fonológico, consiste em quatro componentes principais: Forma e Orientação da Mão; Movimento; Lugar e Expressão Facial, porém esse método sofreu abrupta estagnação por um longo período da história. A esse respeito, Thiago Cardoso e Chaibue (2015) descrevem que:

O sistema de Bébian é composto de 190 símbolos, todos escritos em uma determinada ordem, escritos da esquerda para a direita, a maioria deles icônicos para que fossem facilmente recordados e baseados em quatro componentes principais das LS: Forma e Orientação da Mão, Movimento, Lugar e Expressão Facial. Tal sistema foi usado para representar graficamente os sinais, da mesma forma que a escrita representa as palavras das LO (Aguiar; Chibue, 2015, p. 5).

Os componentes descritos por Bébian eram os seguintes:

a) Forma e Orientação de Mão;

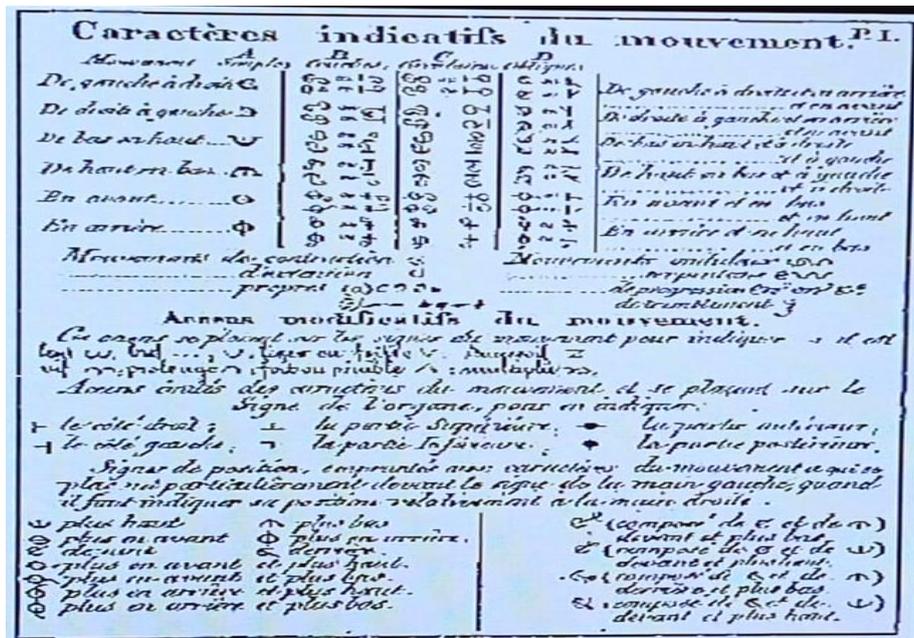
Figura 2 - Quadro relacionando forma da mão e símbolo gráfico elaborado.



Fonte: Bébian (1.825, p. 54)

b) Movimento;

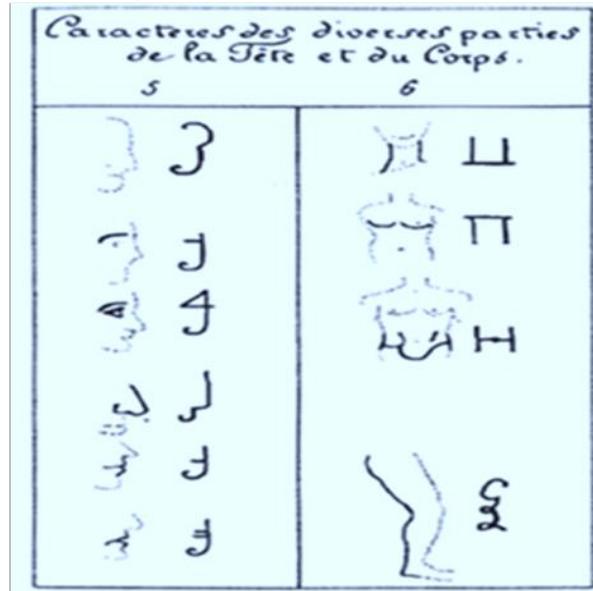
Figura 3 - Símbolos que registram os movimentos.



Fonte: Bébian (1825, p. 52)

c) Lugar;

Figura 4 - Símbolos que identificam os locais de realização dos sinais.



Fonte: Bébien (1825, p 54)

d) Expressão facial e/ou corporal;

Figura 5 - Expressão



Fonte: Bébien (1825, p. 54)

Infelizmente, estudos iguais a este de Bébien, já iniciados e tomando avanços perceptíveis no tocante ao ensino das LS e seu registro gráfico, não foram suficientes para impedir que, no século XIX, na Conferência Internacional de Educadores de Surdos, o mundialmente conhecido Congresso de Milão de 1880, impulsionou e

efetivou a proibição do ensino das Línguas de Sinais, pois as considerava inapropriado para a pessoa surda e passasse a ser censurado em grande parte das escolas no mundo, o qual levou ao declínio a educação de surdos.

Já no século XX, após passar por um processo de inatividade de 100 anos, as notações das Línguas de Sinais voltaram a ser reconhecidas através de estudos do linguista Willian Stokoe. Assim, acreditando ser uma língua natural e interessado em estudar as Língua de Sinais Americana-ASL, Stokoe (1960) começou a pesquisar a língua que os surdos utilizavam cotidianamente.

O professor acreditava que a língua dos surdos era uma “língua natural” e utilizou essa língua dos surdos para ensinar, conversar e conviver com surdos. Com o passar do tempo, os surdos passaram a confiar no professor por saber a língua natural dos surdos e o professor aproveitou para adotar e ensinar gramática da língua francesa, que era uma boa oportunidade para surdos serem bilíngues (Wanderley, 2017, p. 63).

Assim, por achar importante a representação escrita da língua gesto visual, Stokoe passa em seus estudos a observar os movimentos realizados pelos alunos surdos. Ao comparar as composições gramaticais da Língua francesa e os movimentos da Língua de Sinais Americana, percebeu que os traços linguísticos também estavam presentes na LS, ou seja, para ele, os surdos realizavam gestos estruturados e passíveis de decomposição, o que poderia atender aos critérios linguísticos considerados em qualquer outra língua natural.

Logo, a decomposição dos sinais em três parâmetros fonológicos (locação, movimento e configuração de mão), era o que faltava para que Stokoe (1960) afirmasse que a língua de sinais é uma língua completa e independente, e não uma forma simplificada da língua falada. A língua de sinais, confirmou Stokoe, apresenta características nos vários níveis linguísticos (fonologia, morfologia, léxico, sintaxe), de modo que atende às diferentes capacidades de formação de sentenças.

Assim como tiveram diferentes estudos que buscaram contemplar uma escrita para as distintas Línguas de Sinais no mundo, estudiosos aqui no Brasil também criaram diversificados sistemas de registro gráfico, sendo que, a título de exemplo, temos o Sistema de Escritas para as Línguas de Sinais (SEL), o Sistema Brasileiro de Escrita das Línguas de Sinais (ELiS) e a VisoGrafia, porém o mais conhecido no país é o *SignWriting* (SW).

No Brasil, há quatro propostas de sistemas de escrita de sinais: *SignWriting*, ELiS, SEL, VisoGrafia. O *SignWriting* é o sistema de escrita de sinais mais difundido no Brasil, apesar de não ter sido criado no país. As pesquisas de Stumpf (2005) têm aprofundado essa temática. Já a ELiS (ESTELITA-BARROS, 2008) e o SEL (LESSA-OLIVEIRA, 2012) são sistemas de escrita de sinais criados no Brasil. A VisoGrafia foi criada somente no ano de 2018 por Cláudio Alves Benassi (Leão, 2020, p. 200).

Além disso, o SW é também o sistema de escrita de língua de sinais mais difundido e presente nas ementas dos cursos de Letras Libras, no Brasil. A esse respeito os estudos de Lima (2022) adverte que:

[...] mesmo havendo quatro sistemas nas ementas, seria muito difícil dominar todos eles por causa da popularização do *SignWriting*, por ser um sistema que representa a Libras com todas suas características linguísticas. Mesmo que o SW, o SEL, o ELiS e a VisoGrafia estejam presentes nas ementas, os egressos podem até conhecê-los, porém, dominar a habilidade linguística da escrita dos quatro sistemas com uma carga horária diferenciada nos distintos cursos e com a falta de formação dos sistemas por parte dos professores de ES atuantes nas IES é outro fator que interfere na formação dos egressos (Lima, 2022, p. 108).

Ainda sobre esses sistemas de escrita, convém lembrar que todos eles estão alicerçados nos parâmetros fonológicos, embora algumas propostas sejam mais icônicas e outras apoiem-se em símbolos, como assinala Leão (2020). Nesse sentido, o autor chama a atenção para o seguinte: “a comunidade surda brasileira precisa discutir e convencionalizar o sistema oficial de escrita de sinais” (p.198), pois uma vez oficializado o sistema, é possível partir para a divulgação por meio de publicações em geral, os quais são muito importantes nos contextos de pesquisa e de educação de surdos.

Sabe-se, porém, que apesar de esta discussão não ter ocorrido, o *signwriting* já vem sendo adotados pelas universidades e divulgado com mais força. De acordo com Leão (2020), 18 instituições de ensino federais já fazem uso desse sistema, 8 as têm no Projeto Político-Pedagógico, sem falar nas publicações que já circulam por todo país.

À vista do mencionado, logo a seguir apresento o sistema de escrita *SignWriting*, escolhido para ser aporte na escrita de sinais visuogestual das LS-Cas, objeto de estudo deste trabalho.

2.2 SISTEMA DE ESCRITA *SIGNWRITING*_(SW)

O sistema de escrita *Signwriting* desenvolvido por Valérie Sutton (1972) se concretizou como um conjunto sistemático de signos capaz de representar de modo gesto-visual a comunicação, a qual é reconhecida legalmente como línguas de sinais e produzida natural e espontaneamente por pessoas surdas, e ainda aprendidas como segunda língua (L2) por ouvintes, quando estes optam por adquirir essa língua.

Sutton inicialmente realizou seus traços em papel para representar os movimentos da dança que ela pretendia visualizar. Com essa ação, ela desenvolveu o método *DanceWriting*, o qual representava de forma seriada os movimentos realizados para a execução de coreografias. Este método ao ser exibido em vários países, na área dos movimentos artístico, também despertou interesse de estudiosos das línguas de sinais, que já buscavam formas de registrar graficamente as línguas sinalizadas.

O interesse de estudar a fundo essa técnica de escrita de Valérie Sutton, surgiu da percepção de que os desenhos dos movimentos de dança eram similares aos movimentos reproduzidos pelos membros superiores dos usuários das línguas de sinais. Com isso, vislumbraram a possibilidade de aplicação desse sistema nos sinais realizados por pessoas surdas.

Como é possível observar na figura 6, no *DanceWriting* de Valérie Sutton, há finos traços que representam os movimentos usados nas coreografias da dança. Foram esses traços, ou melhor, esse registro escrito de passos de dança que despertaram o interesse de pesquisadores em língua de sinais. (Barreto; Barreto, 2015, p. 70).

Logo abaixo temos a figura extraída de ensaios de Sutton, nelas podemos observar que fora escrita em cadernos próprios para escrita dos sons das músicas. Mesmo não sendo o primeiro sistema para a escrita da Línguas de Sinais, foi o primeiro a conseguir representar adequadamente as expressões e outros movimentos necessário para a grafia.

Figura 6 - *DanceWriting* (1972)

Fonte: Barreto; Barreto (2015, p. 70)

A partir destes rabiscos, alguns estudiosos juntamente com Valérie Sutton passaram a aprofundar os trabalhos quanto à representatividade dos sinais linguísticos, pois até então, essas línguas eram somente estudadas e analisadas a partir de várias visualizações da execução dos sinais gravados em vídeos. Esse era um bom método para o estudo e aquisição das línguas de modalidade gesto visual, embora não contemplasse o aprendizado da escrita/grafia.

Os ensaios realizados para grafar as línguas de sinais evoluíram de tal maneira que hoje muitos escritores defendem o sistema de escrita *SignWriting*, como o meio mais eficaz de traduzir as línguas de modalidade gesto/visual, pois ele consegue apresentar na forma escrita os gestos utilizados ao realizar a comunicação.

Com a estruturação gráfico-esquemático do sistema, é possível organizar diversos aspectos linguísticos e, por isso, o *SignWriting* vem ganhando força mundial, sendo considerado um dos mais praticados na representação grafo/visual. Inclusive, esse sistema encontra-se incluído na estrutura curricular da maioria dos cursos de formação docente em Letras Libras, aqui no Brasil.

Concernente aos estudos, em termos históricos, da escrita de sinais, sabe-se que as adaptações para realização de uma escrita gesto/visual foram sendo incrementadas por diferentes teóricos, que contribuíram na construção de vários sistemas de notação de línguas sinalizadas, como expressam Barreto e Barreto (2015), ao apresentarem em sua obra os principais sistemas de escrita, saber:

Mimographie (1822), Notação de Stokoe (1960), HamNoSys (1984), Sistema D'Sign (1948), Notação de François Neve (1996) e ELiS (1997).

Visando criar a representação gráfica dos cinco parâmetros usados na composição dos sinais enunciados no ato de comunicação, com o passar dos anos, vários estudiosos se debruçaram para construir sistemas que atendessem às peculiaridades das línguas de sinais.

Atualmente, em alguns países, como é o caso do Brasil, EUA, França e Inglaterra, já existem em suas legislações a garantia do uso das línguas de sinais como forma de comunicação e expressão das comunidades surdas, o que é de grande valia. No entanto, a forma escrita destas Línguas de Sinais continua sendo um dilema quanto ao melhor sistema, pois existem vários estudos sobre o tema.

Considerando o interesse desta pesquisa utilizaremos a sistemática do *SignWriting* para o estudo das Línguas de Sinais Caseiras, pois:

[...] o sistema *SignWriting*, no Brasil e no mundo, é o que mais tem sido utilizado para o uso diário das comunidades surdas, seus familiares e dos profissionais que trabalham com surdos, além de ser utilizado em pesquisas e também como objeto de estudos acadêmicos. Assim, suas características o permitem escrever de forma concisa desde um sinal isolado até um livro inteiro diretamente em Língua de Sinais, sem passar por uma Língua Oral. Pode ser escrito tanto no papel, quanto no computador (Barreto; Barreto, 2015, p. 62).

Vale dizer que, em 1996, o sistema foi disponibilizado na internet pela primeira vez e a partir de então seu uso popularizou-se aqui no Brasil e no mundo. Isso se deve ao fato de a escrita de sinais permitir fácil acesso a sua forma digital, o que tende a contribuir para o letramento do aluno surdo e também para os estudos em aquisição da linguagem. Tudo isso ajuda a diminuir as barreiras comunicacionais e eleva o reconhecimento da identidade linguística do cidadão surdo.

2.2.1 Sistema de aplicação SW às línguas de sinais.

O *SignWriting*, como quaisquer outros sistemas de escrita, tem princípios que precisam ser considerados tanto no momento do registro, como no da leitura. Esses princípios tendem a tornar a escrita e a leitura das línguas mais clara, para o emissor e o receptor da mensagem. Por isso, esta seção se propõe a explicar, de forma resumida, o funcionamento do sistema *SignWriting*.

Para compreendermos a escrita da língua, seja Libras, português ou qualquer outra língua, há a necessidade de destacarmos a perspectiva de onde iremos partir. Conforme Barreto e Barreto (2015), na escrita da Língua de Sinais, há duas disposições para observar a Língua gesto visual:

A primeira se refere ao ponto de vista da pessoa que recebe as informações sinalizadas, ou seja, do receptor, o qual observa a gesticulação de seu interlocutor e decodifica os elementos comunicativos. Logo, sua posição é segundo a Perspectiva Receptiva. Já na segunda disposição a perspectiva é a partir do próprio sinalizador, cuja visão é a de si mesmo produzindo os sinais, o que envolve sua capacidade de escolher os sinais apropriados, formar frases, usar expressões faciais e gestos para transmitir a mensagem desejada. Essa Perspectiva é denominada expressiva ou do Sinalizante.

No quadro a seguir, são mostradas as duas possibilidades citadas:

Quadro 1 – Parâmetros de Referência



Fonte: Elaborado pela autora

Barreto e Barreto ainda afirmam que “para a escrita diária é adotada atualmente somente a Perspectiva Expressiva (Ponto de Vista do Sinalizador), isto é, você lê e escreve os sinais como se você mesmo estivesse os executando. A mão direita escrita no papel, é sua mão direita, e assim por diante” (Barreto; Barreto, 2015, p. 71).

Há ainda outro aspecto interessante citado por Barreto e Barreto (2015), que é a ocorrência da Lateralidade, uma propriedade da LS que se constitui na maior incidência no uso de uma das mãos (direita /esquerda), deste modo:

Na sinalização cotidiana é possível notar que falantes fluentes da Libras muitas vezes utilizam as mãos de forma intercambiável. Às vezes isto acontece de forma espontânea, outras, de forma consciente. Em ambos, é

possível notar traços marcantes de mão dominante. Nada disso compromete o entendimento da sinalização, desde que os padrões linguísticos sejam seguidos (Barreto, 2015, p. 122).

Ao observar as propriedades, habilidades de perspectiva e lateralidade, percebemos que essas são essenciais para grafia das línguas de sinais e uma comunicação eficaz, por assim deixar visíveis os parâmetros citados por Bébian (1825) e Stokoe (1960). Estamos certas de que os parâmetros na língua de sinais se constituem elementos que compõem a estrutura linguística e visual dos sinais. Eles fornecem informações como a forma, o movimento, a expressão facial, a localização e orientação, aspectos estes que são essenciais para a compreensão da informação. São eles: CM - Configuração de Mão(s); Or. – Orientação de Mão; L – Localização; M – Movimento; e EMN – Expressões Não-Manuais.

Ao aprofundarmos os estudos das propriedades citadas no quadro acima observaremos que há, dentro de cada parâmetro, “subconjuntos”, através dos quais se procura detalhar a estrutura do sinal realizado. Além disso, as línguas de sinais utilizam-se do que chamamos de grafemas de contato para esboçar as particularidades dos sinais produzidos, ou seja, nessa escrita não utilizados signos que auxiliam na leitura e percepção do sinal. Observemos no quadro alguns deles:

Quadro 2 – Grafemas de diferenciação do SW

GRAFEMA	FUNÇÃO NA ESCRITA
 - Tocar	Contato suave de uma mão com a outra ou em qualquer parte do corpo sinalizante.
 - Tocar Entre	Toque entre duas partes do corpo, geralmente entre os dedos.
 - Pegar	Mão/dedos pega e segura, uma parte do corpo ou da roupa.
 - Escovar	A mão se arrasta na superfície e depois se separa
 - Esfregar	Esfregar, usado com uma ou mais setas
 - Traço final	Indica a finalização da frase
 - Circular	Movimentação em círculo.
 - Simultaneidade	Movimentação simultâneo
 - Interrogação	As frases interrogativas necessitam de Expressões Facial e Corporal.

 - Curvo	Movimentos que realiza curvas.
 - Flexão de dedos	Flexão do dedo na articulação proximal

Fonte: Elaborado pela autora

As informações acima são elementos básicos já empregados para a melhor detalhamento e leitura da escrita em línguas de sinais, ou seja, são grafemas de contato fundamentais para o registro de línguas sinalizadas, pois ajudam a transmitir nuances e detalhes semânticos que retratam o modo como os parâmetros podem se manifestar. Esses grafemas adicionam camadas de significado e podem ser usados para indicar localização, posse, direção, entre outros conceitos.

2.3 LÍNGUAS DE SINAIS CASEIRAS (LS-CAS)

Reconhecida como uma língua limitada no quesito linguístico e restrita a um pequeno grupo familiar, a Língua de Sinais Caseira surge como modo natural de comunicação. Costumeiramente, essa forma de comunicação é produzida/estabelecida por pessoas surdas que não tiveram contato com as línguas de sinais institucionalizadas. Os motivos que se apresentam vão desde questões pessoais até as político-sociais.

Para alguns estudiosos, a LS-Cas se caracterizam como uma alternativa de comunicação falha, que não passa de simples gesto, e que somente atende às comunicações imediatas e restritas, sendo assim, não se caracteriza como uma língua de sinais. Já para outros observadores, a LS-Cas, se apresenta como uma língua capaz de produzir e explicar os diversos assuntos, pensamentos pessoais e sociais que permeiam a vida diária da pessoa surda.

No entanto, Cerqueira e Teixeira (2020) afirmam que:

A Língua de Sinais Caseira (LS-Cas) é um sistema de comunicação gestual utilizado por surdos que não foram expostos a uma Língua de Sinais (LS) oficial ou comunitária. No desejo de interagir e comunicar-se, ainda que sem acesso a um input convencionalmente adequado, o indivíduo surdo cria um sistema linguístico particular, que tem recebido, na literatura, denominações variadas: Simbolismo Esotérico (TERVOORT, 1961), Sinais Caseiros ou *homesigns* (GOLDIN-MEADOW; MYLANDER, 1998), Língua de Sinais Emergentes (FUSELLIER-SOUZA, 2004) e, mais recentemente, Língua de Sinais Caseira (Teixeira; Cerqueira, 2016, p. 25).

Conforme expressa Teixeira e Cerqueira (2016), embora as Línguas de Sinais Caseira surjam na ausência de um input comum, e com a necessidade de comunicação no seio familiar, esse sistema gesto-visual apresenta características similares às línguas de sinais já institucionalizadas e reconhecidas legalmente. Assim, pode-se inferir que, como é possível o registro escrito de línguas sinalizadas legalmente instituídas, a escrita das LS-Cas através do SW também é viável.

2.3.1 Estrutura fonético-fonológica das LS-Cas

O que caracteriza as línguas naturais e também as de sinais é o fato de se poder decompor os enunciados em unidades menores, como demonstrou Stokoe quando estudou a Língua de Sinais Americana. Segundo Cerqueira (2021), os sinais das LS-Cas também podem ser divididos em unidades menores, ou seja, em parâmetros. Embora a autora, em seu trabalho, tenha dado ênfase a Configuração de Mãos (CM), é possível perceber, como em outras línguas sinalizadas, que os sinais da LS-Cas também possuem, Orientação de mão (Or), Locação (L), Movimento (M) e Expressões Não Manuais (ENM).

Para exemplificar essa possibilidade de decomposição nas LS-Cas, foram utilizados quatro exemplos que remetem a alterações que ocorrem no sinal FALAR (verbo). (Cerqueira, 2021)

Quadro 3 – Descrição de parâmetros da LS-Cas e os grafemas do SW

SINAL		PARÂMETROS	
A	 <p>FALAR [normalmente]</p>	CM – mão fechada com indicador estirado	
		Or. - palma voltada para o sinalizante	
		L – rosto (defronte à boca)	
		M – circular contínuo, em sentido horário	
B1	 <p>FALAR + [pouco além do normal]</p>	CM – mão semiaberta com dedos esticados e flexionados no metacarpo e polegar estirado e posicionado embaixo dos dedos indicador e médio.	
		Or. – palma voltada para o lado esquerdo	
		L – espaço neutro (defronte à boca)	
		M – abrir e fechar	
ENM – abrir e fechar da boca.			

B2	 FALAR ++ [muito além do normal]	CM – mão semiaberta com dedos esticados e flexionados no metacarpo com polegar estirado e posicionado embaixo dos dedos indicador e médio.	
		Or. – palma voltada o lado esquerdo	
		L – espaço neutro (defronte à boca)	
		M – abrir e fechar	
		ENM – sobrelhas suspensas, lábios arredondados e bochechas um pouco infladas.	
C	 FALAR +++ [demasiadamente]	CM – configuração em garra com dedos semi-flexionados	
		Or. – palma voltada para o sinalizante	
		L – espaço neutro (defronte à boca)	
		M – abrir e fechar	
		ENM – sobrelhas suspensas, lábios arredondados e bochechas infladas.	

Fonte: Elaborado pela autora

De acordo com o quadro acima, todos os sinais possuem na sua base os parâmetros considerados fundamentais, CM, L e M. Além disso, em todos eles estão presentes a Orientação de mãos. As Expressões não manuais-ENMs também aparecem nas duas últimas formas listadas no Quadro (B1 e B2).

Convém chamar a atenção, nesses exemplos, para o fato de que o sinal se modifica à proporção que o verbo FALAR é intensificado. A esse respeito, Cerqueira (2021) explica:

No exemplo “A”, o sinal é produzido pela mão dominante – estando próxima a região da boca – configurada em G09:01 e apresentado em Movimento circular (de dentro para fora). Em “B”, a mão em formato G01:23 e fazendo Movimento de abrir e fechar, faz alusão a uma boca, porém “B1” distingue-se de “B2” devido à repetição e caráter contínuo do Movimento, além da Expressão Não-Manual, em que a boca, na região das bochechas, infla um pouco. Por último, em “C”, a CM G01:05 também alterna entre do Movimento de abrir e fechar de uma boca, contudo de tal modo tensionado que, juntamente com a expressão facial de desaprovação, acaba por traduzir a insatisfação do locutor diante do incômodo causado pela falação (Cerqueira, 2021, p. 311).

Desta forma, percebe-se que, além de apresentar os mesmos parâmetros inerentes a outras línguas sinalizadas, os sinais da LS-Cas sofrem alterações no nível fonético-fonológico que afetam o morfológico e o semântico-pragmático, como assinala Cerqueira.

3 METODOLOGIA

Para a realização da pesquisa, neste capítulo, serão detalhados os procedimentos utilizados para coleta de dados e análise, com base em alguns autores (Gerhardt; Silveira, 2009; Prodanov; Freitas, 2013; Paiva, 2019;), para que se possa obter ciência dos resultados e extrair o conhecimento devido.

Usando o método de pesquisa científico aplicada, de abordagem qualitativa, por assim buscar compreender a realidade e adquirir novos conhecimentos, este trabalho tem a finalidade de propor a descrição e representação gráfica das Línguas de Sinais Caseiras, através do sistema *SignWriting*. Esta pesquisa exploratória-descritiva buscou escolher as técnicas mais adequadas para analisar os dados/sinais escolhidos, a fim de proporcionar novos conhecimentos na área da linguística e responder à pergunta: como descrever e representar, graficamente, as LS-Cas através do sistema SW?

Utilizando a abordagem da pesquisa qualitativa, este estudo pretende, inicialmente decompor os sinais das LS-Cas, no intuito de identificar os parâmetros que os constitui; selecionar os grafemas do sistema de escrita SW mais adequados para representar os parâmetros que constituem os sinais das LS-Cas; e comparar os sinais de LS-Cas diferentes com o propósito de verificar se houve alguma diferença entre os sistemas, no tocante à descrição e representação dos sinais selecionados.

Para esta pesquisa, como mencionado, foram selecionadas as obras de autoras Nayara de Almeida Adriano (2010), a qual explora “os aspectos linguísticos de sinais caseiros” e Ivanete de Freiras Cerqueira (2021), que descreve “o que os sinais caseiros nos dizem sobre aquisição de linguagem ou da linguagem”.

A primeira teve o intuito de verificar se os sinais caseiros possuem características linguísticas. Para isso, a pesquisadora debruçou-se sobre os sinais de três surdos adultos cearenses que viviam isolados e não tinham contato com ouvintes ou surdos sinalizantes. Seus resultados, depois de analisados os parâmetros e constatado léxico específico, apontaram que se trata de um sistema linguístico natural de modalidade visuoespacial. (Adriano, 2010)

Já a segunda pesquisadora tinha o objetivo de descrever o modo como os sinais caseiros se manifestavam na comunicação de filhos surdos com familiares ouvintes. Desta forma, foram investigados os sistemas de comunicação de quatro surdos acreanos com idades variadas – criança (09 anos), adolescente (15 anos) e

jovens (24 anos) –, que viviam em locais considerados de difícil acesso e, por isso, sem contato com qualquer língua sinalizada. Assim, depois de analisar os níveis linguísticos dos sistemas desses indivíduos, a autora observou que os sinais são signos linguísticos que atuam na Línguas de Sinais Caseira. (Cerqueira, 2021)

Escolhidos dois trabalhos acadêmicos, optou-se por retirar um total de 14 sinais caseiros (sete de cada obra). A escolha desses sinais ocorreu com base nas diferentes configurações de mão, apesar de no final terem ficado três sinais com a mesma configuração. Uma vez selecionados os sinais, estes foram descritos, a fim de identificar cada parâmetro que os constituía. Em seguida, tendo em vista o SW, escolheu-se os grafemas que melhor pudessem descrever, representar e registrar os sinais da LS-Cas. Por fim, comparou-se os sinais analisados nas diferentes obras, para verificar se havia alguma diferença entre os sistemas, no que tange a sua descrição e representação em SW. Assim, a partir desse registro, foi possível verificar em que medida os sinais das LS-Cas apresentam características linguísticas, em nível fonético-fonológico, que se enquadravam no sistema de escrita *SignWriting*.

Além disso, optou-se por fotografar os sinais novamente, tendo como modelo a própria autora deste trabalho de conclusão de curso. Isso porque as imagens dos sinais retirados dos trabalhos mencionados nem sempre, quando copiados, mantinham a nitidez original. Dessa forma, houve um grande empenho no momento de refazer os sinais. Nesse momento, vimos que a imagem unidimensional ajuda muito pouco na reprodução fidedigna do sinal. Nessa perspectiva, em alguns momentos, foi necessário, diante de algumas possibilidades, optar por uma das interpretações sobre como seria produzido o sinal.

Vale salientar que essa foi considerada uma questão metodológica e nada tem a ver com os sinais produzidos pelos indivíduos das referidas pesquisas. Nos trabalhos de Adriano, por exemplo, a autora não utilizou as imagens dos sujeitos, mas a sua própria reprodução. Ainda assim, essas imagens, quando ampliadas perdiam a nitidez, de modo que detalhes da produção dos sinais, foram de alguma forma prejudicados. Isso, no entanto, demonstra como é importante o uso da escrita de sinais, no que concerne a preservação de aspectos originais a serem descritos.

4 APLICAÇÃO DO SIGNWRITING ÀS LS-CAS

Como mencionado, foram escolhidos para esta pesquisa os trabalhos de Adriano (2010) e Cerqueira (2021), dos quais foram selecionados 14 sinais com diferentes configurações de mãos, sete de cada obra, os quais serão apresentados nessa ordem.

No entanto, antes de aplicar o SW, os sinais foram descritos quanto aos parâmetros utilizados em sua composição e, ao mesmo tempo, foram sendo escolhidos os grafemas que melhor representavam os parâmetros e outros aspectos da LS-Cas.

No sinal MULHER, o sinalizante segura a ponta da orelha para mostrar o brinco. Sua escrita precisou, além dos grafemas representando os parâmetros de CM, Or. e L, além do grafema de contato (+), indicando que a orelha estaria entre o polegar e o indicador.

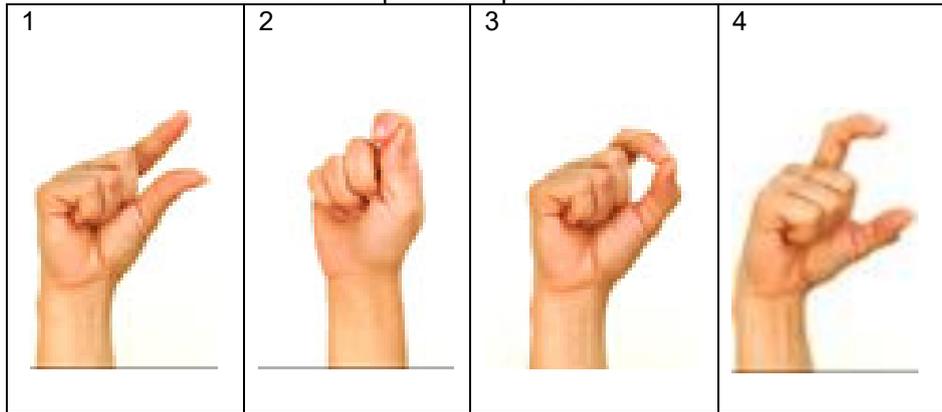
Quadro 4 – Sinal MULHER - Relação parâmetros da LS-Cas e os grafemas do SW

SINAL	DESCRIÇÃO	GRAFEMA	
 MULHER	CM – mão fechada com dedo indicador e polegar estirados e paralelos		
	Or. – palma voltada para esquerda		
	L – ponta da orelha		
	Observações: as pontas dos dedos pinçam a ponta da orelha.		

Fonte: Elaborado pela autora

Como citado na metodologia, para o registro escrito de alguns sinais –como nesse caso do sinal MULHER – foi necessário optar por uma das possibilidades de interpretação da produção do sinal que se manifestava na imagem. Não houve dúvida, em relação aos parâmetros de Or. e L, porém a imagem copiada não deixou claro exatamente qual seria a configuração de mão exata devido à falta de nitidez nas imagens apresentada na pesquisa de campo. Assim, optou-se pela primeira, dentre as quatro possibilidades encontradas para representa a grafia na escrita de sinais, como mostra o quadro abaixo.

Quadro 5 - CM possíveis para o sinal MULHER



Fonte: <https://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/>

Já o sinal HOMEM delinea o bigode. Para a escrita deste sinal, houve necessidade não só dos grafemas que representassem a CM, Or., L e M, como também do diacrítico “escovar” (☞), o qual marca a ocorrência de um movimento curvo, produzido rente ao buço.

Quadro 6 – Sinal HOMEM - Relação parâmetros da LS-Cas e os grafemas do SW

SINAL	DESCRIÇÃO		GRAFEMA
 <p>HOMEM</p>	CM – dedo indicador flexionado na região proximal		
	Or. – palma da mão voltada para a esquerda		
	L – buço		
	M – curvo, da esquerda para direita		
	Observações: o indicador, rente ao buço, delinea o bigode		

Fonte: Elaborado pela autora

O sinal MEDO, ao ser escrito, faz o uso dos cinco grafemas referentes, no qual se refere à CM, Or, L, M e ENM, bem como ao uso do grafema de diferenciação de movimentos em curvas (☞) que completa o significado do sinal. Além de o movimento ser feito com as mãos paralelas uma à outra, usa-se a expressão facial de terror com olhos abertos, concomitantemente.

Quadro 7 – Sinal MEDO - Relação parâmetros da LS-Cas e os grafemas do SW

SINAL	DESCRIÇÃO		GRAFEMA
 <p>MEDO</p>	CM – mãos abertas com dedos separados e estirados		
	Or. – palmas das mãos para baixo (paralelas ao chão)		
	L – espaço neutro (mãos estendidas a frente do corpo)		-
	M – movimento semicircular com impulsos breves para baixo e para cima.		
	ENM – expressão facial de terror		

Fonte: Elaborado pela autora

O sinal AMIGO, ao ser registrado graficamente, requer o emprego dos grafemas, CM, Or e M. Assim, quando o sinal é reproduzido, há a necessidade se sobrepor uma mão a outra, entrelaçando-as. Para isso, usa-se o grafema de contato de toque entre mãos (+), que representa tanto o toque como enfatiza o entrelace.

Quadro 8 – Sinal AMIGO - Relação parâmetros da LS-Cas e os grafemas do SW

SINAL	DESCRIÇÃO		GRAFEMA
 <p>AMIGO</p>	CM – mãos em côncavo, palma esquerda voltada para cima e palma direita voltada para baixo		
	Or. – mão direita com palma para baixo e mão esquerda com palma para cima		
	L – espaço neutro		-
	M – toque entre mãos		+
	Observação: mãos entrelaças		-

Fonte: Elaborado pela autora

O sinal IGREJA é produzido rente à testa do sinalizador, com movimentos na horizontal e na vertical, fazendo menção ao sinal cruz. Para a escrita deste sinal, se

utiliza da CM, Or., L e M, como também, o grafema de contato de direcionamento (→), que enfatiza a linha reta e mantém o contato entre os articuladores (CM e L).

Quadro 9 – Sinal IGREJA - Relação parâmetros da LS-Cas e os grafemas do SW

SINAL	DESCRIÇÃO		GRAFEMA
 <p style="text-align: center;">IGREJA</p>	CM – mão aberta com dedos estirados e separados		
	Or. – cabeça levemente inclinada para baixo		
	L – rente a testa do sinalizante		
	M – movimento em cruz na testa		

Fonte: Elaborado pela autora

O sinal FRANGO é produzido com mãos levantadas na altura do ombro, em paralelo ao corpo do sinalizador, com movimentos em diagonal, para cima e para baixo. Para escrevê-lo, utilizou-se CM, Or., L e M e diacrítico de direcionamento (↑).

Quadro 10 – Sinal FRANGO - Relação parâmetros da LS-Cas e os grafemas do SW

SINAIL	DESCRIÇÃO		GRAFEMA
 <p style="text-align: center;">FRANGO</p>	CM – mãos abertas com dedos estirados		
	Or. – Palmas para baixo		
	L – espaço neutro		<p style="text-align: center;">-</p>
	M – movimento (para frente e para trás)		

Fonte: Elaborado pela autora

O sinal COMER foi produzido com mão aberta direcionada para boca. A escrita deste sinal requer o emprego dos grafemas: CM, Or, L e M. A mão esticada com dedos juntos e polegar separado, é flexionada na região do metacarpo. Para a percepção deste movimento, há a necessidade de colocar o diacrítico de flexão (∨).

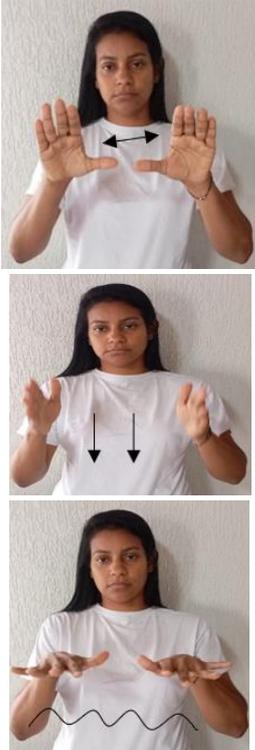
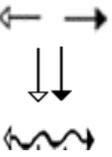
Quadro 11 – Sinal COMER - Relação parâmetros da LS-Cas e os grafemas do SW

SINAL	DESCRIÇÃO		GRAFEMA
 COMER	CM – palma da mão direita aberta com dedos unidos		
	Or. - palma da mão voltada para o sinalizante		
	L – próximo à boca do sinalizante		
	M – flexão dos dedos no metacarpo		

Fonte: Elaborado pela autora

O sinal ARMÁRIO marca a estrutura de uma caixa com divisória. Para a escrita deste sinal, necessita-se não só dos grafemas que representam a CM, Or. e M, como também dos grafemas de contato, indicando direcionamento (→ / horizontal e vertical) e ondulação (~~~~~), a fim de deixar claro o percurso do sinal.

Quadro 12 – Sinal ARMÁRIO - Relação parâmetros da LS-Cas e os grafemas do SW

SINAL	DESCRIÇÃO		GRAFEMA
 ARMÁRIO	CM – mãos abertas com dedos entreabertos estirados		  
	Or. - a mão se posiciona de três forma: 1) mãos paralelas com dorso voltado para o sinalizante; 2) mãos paralelas ao corpo com palma da mão direita voltada para esquerda e palma da mão esquerda voltada para a direita; 3) mãos paralelas com palma para baixo.		
	L – espaço neutro		-
	M – Nas fases de composição do sinal, há três movimentos: 1) movimento horizontal, as mãos seguem para os lados; 2) movimento vertical para baixo; 3) movimento horizontal ondulado com as mãos seguindo para os lados.		

Fonte: Elaborado pela autora

O sinal UVA é produzido como se a pessoa estivesse sugando ou comendo algo. Sua escrita, apresenta grafemas dos parâmetros de CM, Or. e L, além do diacrítico (*) que traduz a noção de tocar na boca.

Quadro 13 – Sinal UVA - Relação parâmetros da LS-Cas e os grafemas do SW

SINAL	DESCRIÇÃO		GRAFEMA
 UVA	CM – mão direita fechada		
	Or.- palma virada para o sinalizante		
	L – rente à boca do sinalizante		
	M – mão em direção à boca		

Fonte: Elaborado pela autora

O sinal TELEVISÃO é produzido com mãos paralelas e as palmas uma de frente para outra. Sua escrita precisou dos grafemas representando os parâmetros de CM, Or. e L.

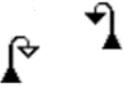
Quadro 14 – Sinal TELEVISÃO - Relação parâmetros da LS-Cas e os grafemas do SW

SINAL	DESCRIÇÃO		GRAFEMA
 TELEVISÃO	CM – mãos abertas em paralelo e dedos juntos		
	Or.- mãos na horizontal do sinalizante		
	L – espaço neutro		.
	M – mãos abertas em sentido contrário		
	ENM – expressão de alegria		

Fonte: Elaborado pela autora

O sinal GATO é produzido com movimentos lentos, simulando os passos do animal. Sua escrita precisou, dos grafemas representando os parâmetros de CM, Or. e M e ENM.

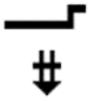
Quadro 15 – Sinal GATO - Relação parâmetros da LS-Cas e os grafemas do SW

SINAL	DESCRIÇÃO		GRAFEMA
 <p>GATO</p>	CM – mãos abertas, dedos flexionados em formato de garra.		
	Or.- palma para baixo (mãos paralelas ao chão)		
	L – espaço neutro		-
	M – semicircular (alternado e repetido)		
	ENM – expressão referente à atenção		

Fonte: Elaborado pela autora

O sinal ONÇA é produzido com a incorporação do animal pelo sinalizante: tanto a expressão facial como a mão tentam reproduzir uma cena que simula ataque a uma presa. Assim, na escrita desse sinal, utilizou-se grafemas que fazem referência à pata do animal (CM/L), ao movimento (M) produzido por esse articulador e à expressão facial (ENM) de uma “fera atacando sua presa”.

Quadro 16 – Sinal ONÇA - Relação parâmetros da LS-Cas e os grafemas do SW

SINAL	DESCRIÇÃO		GRAFEMA
 <p>ONÇA</p>	CM – mão direita aberta e dedos flexionados como se fossem garras		
	Or.- – palma para frente (dorso da mão em paralelo ao sinalizante)		
	L – espaço neutro		-
	M – diagonal (mão projetada para frente)		
	ENM – expressão facial simulando o semblante animal em momento de ataque a uma presa.		

Fonte: Elaborado pela autora

O sinal SAPO é produzido com as mãos abertas com dedos flexionados no metacarpo. Ambas se deslocam, simultaneamente, por meio de movimentos semicirculares repetidos. Sua escrita precisou, dos grafemas representando os parâmetros de CM, Or. e M.

Quadro 17 – Sinal SAPO - Relação parâmetros da LS-Cas e os grafemas do SW

SINAL	DESCRIÇÃO		GRAFEMA
 <p>SAPO</p>	CM – mãos abertas, dedos flexionados em formato de garra.		
	Or. – palma da mão em paralelo ao chão		
	L – espaço neutro		-
	M – mãos em movimento ondular projetadas para horizontal		

Fonte: Elaborado pela autora

O sinal BESOURO é produzido com a mão em forma de “C”, na altura da cabeça, movimentando-se para os lados, de forma contínua e em sentido horizontal – como se o sinalizante estivesse balançando algo no ar. Sua escrita precisou dos grafemas representando os parâmetros de CM, Or. e M.

Quadro 18 – Sinal BESOURO - Relação parâmetros da LS-Cas e os grafemas do SW

SINAL	DESCRIÇÃO		GRAFEMA
 <p>BESOURO</p>	CM – mão direita dedos juntos e flexionados nas regiões proximal e digital. O polegar flexiona-se do mesmo modo.		
	Or. – palma da mão voltada para a esquerda		
	L – espaço neutro (mão paralela à cabeça)		-
	M – repetido para os lados		

Fonte: Elaborado pela autora

Como foi possível observar – e mesmo como os autores já mencionaram – em seus trabalhos, todos os sinais são passíveis de decomposição e apresentam todos os parâmetros: CM, L, M e Or. e ENM, os quais contemplam a aplicação do *SignWriting*. Como em outras línguas de sinais, nem sempre na constituição do sinal aparecem o M e/ou a ENM.

É interessante notar que todos os sinais das LS-Cas, tanto os exemplos de Adriano como o Cerqueira, puderam ser escritos em SW. Observa-se, com isso, que não há diferença alguma entre esses sinais, em termos de estrutura fonético-fonológica.

5 RESULTADOS E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Considerando a compreensão ampla da formação de grupos sociais, dando ênfase à importância da utilização da língua, agregada à escrita gráfica e às tecnologias usadas atualmente para grafia de sinais, esta pesquisa propôs-se a descrever e representar, de forma gráfica, as Línguas de Sinais Caseiras, através do sistema de escrita de sinais *SignWriting*.

Assim, ao identificar os parâmetros que se apresentam nos sinais das LS-Cas, notou-se que eles possuem componentes fonético-fonológicos que, quando combinados, são capazes de formar uma unidade de significado e materializar a mensagem que será sinalizada. Sem dúvida, a estruturação dos sinais das LS-Cas é similar à dos parâmetros (CM, Or., L, M e ENM) identificados na LS. Na representação dos sinais, ficou demonstrado que mesmo os grafemas de contato do SW são úteis no registro dos sinais das LS-Cas.

Quando comparadas as formas de aplicação do SW às línguas de sinais, em geral, e às LS-Cas, percebe-se que não é preciso nenhum ajuste ou adaptação – em nível fonético-fonológico, como mostra este estudo –, quando se trata do registro de um sistema linguístico restrito a utentes de uma mesma família ou a pessoas próximas a esta. Nessa perspectiva, o SW realmente cumpriu sua função enquanto sistema de escrita, no caso, aplicável à LS-Cas.

No Brasil existem outros sistemas de escritas, porém, o SW nesse momento mostrou-se de fácil aplicação, o que não subtrai sua complexidade. Assim, pelo fato de seus grafemas serem icônicos, isso favorece bastante o trabalho de registro. Como já observado, as dificuldades durante a transcrição, especialmente no tocante à seleção de grafemas, foi em relação à nitidez das imagens na detecção dos parâmetros. Este estudo, então, aponta a necessidade de as LS-Cas serem mais estudadas – principalmente quando se trata de locais mais distantes dos grandes centros urbanos –, já que um estudo mais profundo poderia dizer se as possibilidades paramétricas aventadas não poderiam ser consideradas variação de um mesmo sinal ou se alguma delas, no contexto em que se encontram, poderiam ser vistas como equivocadas, uma vez que poderiam ganhar um novo sentido (par mínimo) ou perder totalmente o significado.

Sem dúvida, o SW dá às LS-Cas uma perspectiva diferente, pois uma língua com registro escrito pode ser documentada e preservada, a fim de ajudar em estudos futuros. Lembrando que o fato de se poder escrever e ler as produções dos surdos em LS-Cas não se configura apenas como um ato linguístico de codificação e decodificação, é também, como assinala Cagliari (1997), o modo mais acertado de retratar a memória religiosa, social, cultural e até artística de um grupo. Assim, não se pode ver o registro escrito apenas com a reprodução de um código, já que a língua tem funções sociais variadas.

Além disso, sabe-se que se a fala, em se tratando das línguas orais, tem menos prestígio que a escrita. Com a sinalização das línguas de sinais não é diferente. As sociedades ágrafas, em geral, são muito prejudicadas, pois elas tanto deixam de contribuir com sua visão de mundo, experiências exitosas como são impedidas de desfrutar dos avanços alcançados pela humanidade (Haugen, 2001 *apud* Mühlen; Kersch, 2021).

A pessoa surda, por exemplo, como qualquer outro ser humano desenvolve diversas habilidades cognitivas e sociais que contribuem significativamente para a sua sobrevivência e perpetuação de aprendizados que promovem seu desenvolvimento pessoal, social e cultural. E, por estarem inseridos, em grande parte, em ambientes totalmente ouvintes, perde a maioria das informações cotidianas que circulam nesse meio. À vista disso, pode-se dizer que fomentar o registro escrito das línguas sinalizadas significa fornecer ao surdo outras formas de interação, acesso, inclusão e trânsito nas diversas dimensões do cosmo que o envolve.

A possibilidade de aplicação do *SignWriting* às LS-Cas pode ajudar a conscientizar as pessoas sobre a sua legitimação na sociedade em geral e, particularmente, na comunidade surda. O resultado de uma ação como essa é o empoderamento do sujeito surdo, que mesmo não se identificando totalmente com a cultura ouvinte, tem de viver distante do seu povo, o qual partilha de sua experiência visual-espacial-gestual.

Dessa maneira, é preciso falar que a escrita pressupõe que sujeito passe por um processo de letramento, o que precisa ser feito precocemente na língua que oferece maior conforto linguístico e intelectual para o indivíduo. Nesse caso, a escrita de sinais pode ser aplicada como recurso didático-pedagógico no ensino de Libras e também como ferramenta mediadora entre a língua de sinais oficial e as LS-Cas, dada a quantidade de alunos que chegam às escolas sem ter noção alguma da Libras.

Assim, ao invés de negar o saber que esses alunos trazem de seu convívio familiar; através do *SignWriting*, será possível situar igualmente as diferentes línguas, já que elas atuam a partir de um mesmo canal, que é o visual espacial.

Além disso, é possível notar que este estudo sobre a aplicabilidade do sistema de escrita *SignWriting* às LS-Cas pode contribuir para que as pessoas surdas e seus familiares possam ter a escrita como um recurso a mais na comunicação, principalmente para aqueles surdos que, desde sua infância, não tiveram na sua formação o acompanhamento escolar, e agora na fase adulta compreendem o que a escrita significa para os cidadãos em geral. É necessário, pois, a continuidade de trabalhos que auxiliam o desenvolvimento da escrita das línguas gesto visuais minoritárias, por meio de tecnologias assistivas, como o SW.

As línguas escritas realmente ganham prestígio perante a sociedade e o falante/sinalizante de tais línguas se sentem valorizados. Dessa forma, é interessante refletir sobre o impacto que teriam as LS-Cas escritas para seu usuário, vendo seu sistema linguístico, gerado no seio familiar, ser grafado na lousa como a língua sinalizada oficial que está aprendendo na escola. Do mesmo modo, os surdos, utentes da Libras, ao ver que se pode ler e escrever em língua de sinais, perceberia que sua língua nada tem a dever às línguas orais. Sendo que tudo isso ainda permite, via comparação, compreender as semelhanças e diferenças estruturais entre uma língua e outra.

Com efeito, o registro em *SignWriting* tem contribuído satisfatoriamente para o avanço dos estudos em línguas de sinais e deve auxiliar no tocante ao ensino dos surdos, como mencionado. Nesse último caso, a língua sinalizada em sua modalidade escrita pode ser considerada um recurso didático-pedagógico, que fará o surdo refletir melhor sobre sua língua e acessar uma quantidade variada de informações que o ajudará em sua formação como um todo.

Dessa forma, a conclusão desta pesquisa é que a escrita de sinais – em *SignWriting*, mais precisamente – também pode contribuir para o desenvolvimento dos estudos de línguas de sinais não oficiais, como é o caso das Línguas de Sinais Caseiras (LS-Cas). Essa forma de escrita poderá ser utilizada, a fim de favorecer as pesquisas na área e a comparação destas com as línguas sinalizadas oficiais. Isso porque, havendo transcrição dessas línguas, certamente a análise de suas características poderá ser feita com maior propriedade.

Por fim, depois de buscar conhecimento sobre a relação entre as LS-Cas e o sistema de escrita *SignWriting*, identificando os benefícios que a escrita proporciona ao utente e a sua comunidade, espera-se ter contribuído, de alguma forma, para o desenvolvimento dos estudos linguísticos na área das línguas de sinais, especialmente em relação às LS-Cas e também com os estudos e políticas educacionais que visem aos sujeitos que não têm acesso à Libras, na primeira infância.

REFERÊNCIAS

- ADRIANO, Nayara Almeida de. **Sinais caseiros**: uma exploração de aspectos linguísticos. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Linguística, CCE, UFSC, Florianópolis, 2010.
- BARRETO, Madson; BARRETO Raquel. **Escrita de sinais sem mistérios**. Salvador: Libras Escrita, 2015.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1997.
- CAPOVILLA, Fernando César. A escrita visual direta de sinais *signwriting* e seu lugar na educação da criança surda. In: CAPOVILLA, Raphael et al. (Orgs.). **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira**. São Paulo: Edusp, 2006.
- CHAIBUE, Karime; AGUIAR, Thiago Cardoso. Centro virtual de cultura surda revista virtual de cultura surda. **Arara Azul** – Revista Virtual de Cultura Surda, Centro Virtual de Cultura Surda, Petrópolis, 15. ed., mar., 2015. Disponível em: http://editora-arara-azul.com.br/site/revista_edicoes 1 Histórico das Escritas de Línguas de Sinais
- CERQUEIRA, Ivanete de Freitas. **Vendo vozes e ouvindo mãos**: o que dizem os sinais caseiros sobre a aquisição de linguagem ou da linguagem. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura. Instituto de Letras, Língua e Cultura. Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2021.
- GARCEZ, Lucília. **Técnicas de redação**. São Paulo, 2002.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009;
- GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LIMA, Israel Queiroz de. **Formação de professores(as) de escrita de sinais nos cursos de Letras – Libras na região norte do Brasil**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação, Rio Branco, 2022.
- LIMA, Roberto de Oliveira. **Ensaio históricos da educação de surdos**. Campo Grande: UFMS, 2023.
- MÜHLEN, Fernanda Von; KERSCH, Dorotea Frank. Usos sociais da escrita do hunsriqueano no sul do Brasil. **Humanidades e inovação**, Discurso e alteridade, v. 8, n. 36, 2021, p. 326-338. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/4497>
- NASCIMENTO, Leoni Ramos Souza. **O Sistema SignWriting como suporte para o desenvolvimento na leitura da língua portuguesa**. Dissertação (Mestrado).

Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Letras da Fundação Universidade Federal de Rondônia Porto Velho: UFRO, 2018;

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Manual de pesquisa e estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019;

OLIVEIRA, Jossely Bezerra Martins. Concepções de escrita, texto e gênero textual em relatos de aula de língua materna. **Revista Virtual de estudos da linguagem – REVEL**, v. 2, n. 2, mar., 2004. Disponível em:
<http://www.revel.inf.br/>

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernane Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo, 2013.

SILVA, Vilmar. Educação de surdos: uma releitura da primeira escola Pública para surdos em Paris e do Congresso de Milão em 1880. In: QUADROS, Ronice Quadros de; PERLIN, Gladis. **Estudos Surdos I**. Série Pesquisas. Petrópolis: Arara Azul, 2006.